

Motorista do Senado é discriminada

Geraldo Magela

ZENAIDE AZEREDO

Quando conseguiu ultrapassar todas as etapas do difícil concurso de motorista do Senado, realizando antigo sonho de trabalhar naquela Casa, Aldna Maria Paulo de Abreu não imaginou que fosse enfrentar tanta discriminação e dissabores apenas por ser mulher. Primeira e única motorista concursada do Senado, Aldna, uma bonita loira de 24 anos, vai ter de trocar suas coloridas roupas por um sóbrio uniforme azul marinho, com boina para evitar os gracejos, piadinhas de mau gosto e até agressões que vêm acompanhando sua curta trajetória na nova profissão.

Três meses depois da posse no cargo, Aldna é obrigada a constatar, consternada, que a sociedade machista onde vive não aceita sua condição de motorista oficial do Senado. “Na rua, quando me vêem dirigindo o Opala do Senado — normalmente o de chapa oficial --5-, de 1986 — acham que sou filha ou mulher de senador, jamais motorista”, lastimou Aldna, lotada atualmente na chefia de gabinete da presidência do Senado. Sobre as gracinhas e agressões que tem sofrido na rua, Aldna pôde observar que homens e mulheres têm diferentes comportamentos. “As mais machistas são, infelizmente, as mulheres”, disse, contando que algumas senhoras já chegaram a descer do carro em que se encontravam, num sinal vermelho ou estacionamento, para lhe dizer algumas torpes grosserias. A essas palavras de baixo calão Aldna prefere não revistar, lembrando que a formação que lhe foi dada pelos pais goianos não condiz com esse comportamento. Apenas uma vez, no Setor Comercial Sul, ironizada por uma senhora



Aldna, concursada e lotada na chefia de gabinete do Senado, já não suporta as piadinhas que recebe

que a tomou por filha de senador, Aldna lhe revelou sua condição de motorista concursada e as razões que a levaram até ali — pagamento de contas num banco. Nesse cotidiano, onde deixa a chefia de gabinete do Senado para pagar contas, buscar autoridades no aeroporto, levar correspondência oficial e outras missões similares, seu carro já foi até mesmo apedrejado. Os homens, geralmente, contentam-se em assoviar ou endereçar-lhe as tradicionais “cantadas”, mas qual não foi seu espanto, ontem, ao tomar conhecimento da última denúncia feminina: uma mulher não identificada telefonou inúmeras vezes para a presidência do Senado denunciando nervosamente o que jul-

gara ser um ato de nepotismo. Aldna Maria fora vista durante o cumprimento de uma missão deixando inconformada a cidadã, que ameaçou ir até os jornais.

“Parece que Brasília não está acostumada a ter mulher nesse tipo de emprego”, lastimou a única motorista do Senado, ciente das dificuldades que enfrentou para chegar até lá. Classificada em 18º lugar entre 2.300 candidatos, Aldna teve de enfrentar uma prova prática de direção em ônibus (modelo 370, de 46 lugares) e em Opala, com cinco marchas e seis cilindros, motor 4.1. Além disso, submeteu-se a provas de português, legislação, inclusive de trânsito e mecânica, saindo-se

muito bem em todas elas: “Foi Deus que quis me colocar na função de motorista”, concluiu Aldna.

As razões que a levaram a escolher esse concurso foram a necessidade de um emprego — “depois de ter sido bancária e comerciária, estava desempregada” — e também pelo gosto de dirigir.

Embora satisfeita com o salário que recebe pelas oito horas de trabalho — cerca de Cr\$ 5 milhões — Aldna acha que só com o uso do uniforme azul marinho, solicitado por ela mesma, seus problemas diminuirão, pois em sua frente estará estampada a marca que todos procuram: sua condição de funcionária.